



## **AS PERSPECTIVAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA: A EXPERIÊNCIA DA POLÍTICA CURRICULAR DO PARANÁ**

Mara Rúbia Pinto de Almeida<sup>1</sup>  
Andreia Cristina Peixoto Ferreira<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho teve por finalidade analisar os registros e significados da temática gênero e sexualidade inserida na Proposta Curricular da Educação Básica, disciplina Educação Física, Livro do aluno do Ensino Médio e as Diretrizes curriculares de Gênero e Diversidade Sexual do Estado do Paraná. O principal objetivo desse estudo é analisar como as relações de gênero e sexualidade vem sendo registradas e significadas nos documentos oficiais que dão direção ao ensino da disciplina Educação Física do Estado do Paraná. Sendo assim, considera-se de grande importância verificar se está sendo trabalhada nas escolas e especificamente nas aulas de educação física a proposta de equidade e o enfrentamento das diferentes formas de exclusão social, discriminação e preconceito no campo do gênero e da diversidade sexual.

**Palavras-chave:** Currículo; Gênero; Sexualidade; Educação Física.

---

<sup>1</sup> Discente da Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. mararubia-28@hotmail.com

<sup>2</sup> Orientadora acadêmica da Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. andrea.peixoto.ferreira@gmail.com

## I – INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade investigar a inserção do eixo temático “Gênero e Sexualidade” nas orientações teórico-metodológicas para a disciplina de Educação Física escolar, sistematizadas nos Livros Didáticos vinculados à política curricular do estado do Paraná.

Recordo que por muito tempo a minha prática pedagógica esteve concentrada nas aulas com separação de meninos e meninas, considero estar reproduzindo as heranças culturais do período em que estava como aluna nas aulas de Educação Física na Educação Básica, período que os meninos sempre jogavam bola e as meninas, sempre queimada. Quando havia uma mistura, os meninos estavam presentes na atividade considerada feminina, mas nunca as meninas experimentavam o futebol.

Com a oportunidade da Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, surgiu o interesse em pesquisar o gênero e a sexualidade nas aulas de educação física, tentando entender o que nos leva a diferenciar e separar meninos e meninas de atividades que envolvam o corpo e se continua sendo propostas tais práticas.

Infelizmente o estado de Goiás não possui uma política pedagógica que sirva de referencial para a atuação das professoras. Na busca, tive acesso às Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual do estado do Paraná e logo depois com dois suportes que são disponibilizados para professoras e professores da área e alunas e alunos do Ensino Médio.

Ao constatar a tendência de separação entre meninas e meninos nas aulas de educação física escolar, questionamos como aparecem nos referidos documentos/materiais curriculares a análise, discussão e encaminhamentos metodológicos acerca dos fatores que fazem com que esta separação ultrapasse as fronteiras do aspecto biológico, refletindo na significação que a mulher e o homem representam na sociedade.

Chegando a este ponto, identificamos o gênero, que está presente em todos os espaços e é parte integrante do ser para que exista o outro. Trata-se da representação social, o que dá sentido ao que julgamos diferente, aquilo que chega a envolver a cultura, a história e as relações sociais.

Sabemos que os meninos desde o nascimento são estimulados a demonstrarem agressividade, força e coragem. Por outro lado, as meninas são desencorajadas e consideradas frágeis. Louro (1997, p.63) enumerou alguns questionamentos:

Afinal, é "natural" que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que "naturalmente" a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? “Como explicar, então, que muitas vezes eles e elas se misturem” para brincar ou trabalhar? (p. 63)

Como falamos em construção e representação social da mulher e do homem, estamos literalmente explorando o sexo, ou seja, um corpo que é influenciado por pensamentos, sentimentos, ações e integração. Temos a sexualidade que aumenta os significados atribuídos ao aspecto considerado como fonte de prazer e procriação.

Dessa forma, o principal objetivo desse estudo é analisar como as relações de gênero e sexualidade vem sendo registradas e significadas nos documentos oficiais que dão direção ao ensino da disciplina Educação Física do Estado do Paraná.

Buscamos analisar o Livro do aluno do Ensino Médio/ Educação Física (2006), As Diretrizes Curriculares da Educação Básica /Educação Física (2008) e As Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual (2010). Todos da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, órgão que propõe e organiza a construção de um processo de conceptualização curricular em um período em que se fazia a necessidade de reformulação da educação e, conseqüentemente, da disciplina Educação Física, apontando-se que a mesma deveria fundamentar a sua prática pedagógica em uma perspectiva de preocupação com a formação dos seres humanos e da sua realidade social, propondo a possibilidade de um projeto que pudesse valorizar o corpo além do biológico, contribuindo para que a mesma ocupasse o seu espaço na área do conhecimento (PARANÁ, 2008)

Sendo assim, considera-se de grande importância verificar se esta sendo trabalhada nas escolas e especificamente nas aulas de educação física a proposta de equidade e o enfrentamento das diferentes formas de exclusão social, discriminação e preconceito no campo do gênero e da diversidade sexual.

## **II – AS DIRETRIZES CURRICULARES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NESTA EXPERIÊNCIA CURRICULAR**

Nesta proposta o objetivo foi orientar as professoras e os professores na compreensão das questões de gênero e diversidade sexual, tendo em vista as práticas sociais que representam o preconceito e os atos discriminatórios na ambiente escolar.

No primeiro momento a referente proposta apresenta um glossário, tornando mais familiar os termos que serão citados a diante e principalmente para (re) construir

os conceitos que eles e elas têm sobre as coisas e as verdades consideradas absolutas, para só depois expor as narrativas com as temáticas específicas.

Paraná (2010, p. 17) afirma que a proposta é “(...) um conjunto de alertas e reflexões críticas sobre os caminhos que não deverão ser percorridos.”

Iniciar a orientação como conceito de gênero, busca facilitar a compreensão além do sexo biológico, fator que ainda assusta aqueles e aquelas que estão inseridos na escola, pelo fato de estar preso na herança cultural, mas não há questionamentos do que nos levou e/ou nos faz acreditar que é “natural” afirmar que homem não chora e que a mulher tem como natureza a meiguice e a sensibilidade. “Aos homens, o dever de ser provedores, agressivos, fortes; às mulheres cabe o cuidado com o lar, com a reprodução e com a educação de filhos e filhas.” (SILVEIRA, 2010, p. 20)

Scot (1995, p. 75) exemplifica a mesma idéia,

(...) explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior.

Mesmo assim, Silveira (2010), pontua que os professores e as professoras podem realizar uma troca, ou melhor, um compartilhamento para que os meninos sejam carinhosos e admirem a gentileza e a dança. Como também motivar que as meninas gostem de futebol sem que isso interfira na própria sexualidade.

Desta forma, acabamos por observar que o documento propõe estimular que faça necessário um olhar mais atento nas práticas sexuais e na necessidade de desconstrução de falsos conceitos, principalmente do que difere sexo de gênero, revendo que nos PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais, as professoras e os professores já contam com uma definição que precisa ter uma maior atenção.

O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social. O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como a responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. (BRASIL, 2000, p. 322)

Reconhecendo que entender o gênero estamos ligados ao corpo que nos liga também à sexualidade. Somos forçados a entender que sexualidade não é necessariamente o ato sexual que ainda é motivo de repressão. Por momentos pensamos

que os PCN's aparecem somente para apresentar uma proposta das questões preventivas, mas, César (2010), afirma claramente que não trata somente de uma orientação ou precaução em realizar o ato sexual, mas, em explorar a liberdade do pensamento e não ignorar as possibilidades do conhecer o novo.

Ferrari (2010) completa informando que as relações sociais do novo, do desconhecido até o momento e da pluralidade do masculino e do feminino é que estará construindo o gênero, desafiando a escola a "(...) assumir essa resignificação abrindo novos contextos, novas aproximações, falando de assuntos ainda não legitimados, dando voz e reconhecendo sujeitos ainda não reconhecidos e assim produzindo novas e futuras formas de legitimação." (FERRARI, 2010, p. 57)

Em nenhum momento é negada a dificuldade da escola em tratar da temática gênero e sexualidade, mas, Maio (2010) pontua que ter a dificuldade não justifica ignorar que as professoras façam parte deste processo, seja ele, participativo na presença direta e/ou ausência e observação oculta, porque, os fatos acontecem no ambiente escolar querendo ou não, e não podem mais passar despercebidos. Mas é proposta uma direção nas questões que envolvam gênero e diversidade sexual esperando que a escola transforme o seu espaço de forma necessária e também urgente. Louro (1997) dizia que é necessário olhar para todos os ambientes da escola, para estarmos atentas nos pequenos detalhes que reforçam o porquê da necessidade.

Confirma Maio (2010, p. 56)

As manifestações sexuais que aparecem na escola demonstram, a cada momento, as dificuldades que as instituições educativas apresentam quando tratam da temática da sexualidade em seu cotidiano. Uma proposta de educação sexual adequada, consciente e emancipadora contribuiriam para o objetivo de tornar toda a comunidade educativa apta a discutir assuntos importantes para o discernimento, na área da sexualidade.

Uma proposta em trabalhar a temática gênero e diversidade sexual almeja despertar e realizar encaminhamentos pedagógicos para contribuir com a prática do professor que precisa estar antes fixa no Projeto Político Pedagógico e compreenda que a escola é além da sala de aula, levando as professoras discutirem gênero e diversidade sexual em sua prática conforme orientação de Santos et al (2010, p.67)

O uso de imagens e materiais áudio visuais diversos que de forma afirmativa, demonstrem diversas possibilidades de exercício e construção das masculinidades e feminilidades (...), a partir da percepção das diferentes possibilidades de se construir como homens e mulheres, meninos e meninas.

### **III – AS DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO FÍSICA: COMO PERPASSAM DIVERSIDADE, GÊNERO E SEXUALIDADE**

Na presente proposta, o objeto de estudo e ensino da Educação Física está moldada na Cultura Corporal, que relaciona a formação histórica do ser humano, o seu trabalho e as práticas corporais. Nela fica implícito a função da escola na garantia de variadas formas de conhecimentos produzidos pela humanidade, compreender que o ser humano é fruto da cultura em que vive, ele não nasceu realizando todos os movimentos que o corpo é capaz de fazer, mas foram surgindo através de estímulos, desafios e até a necessidade. (Paraná, 2008.)

Na análise a cultura corporal tem como elementos articuladores: o corpo, a ludicidade, a saúde, o mundo do trabalho, a desportivização, a técnica e tática, o lazer, a diversidade e a mídia. Tais elementos em alguns momentos incluem a temática gênero e sexualidade, mas não pode ser considerando que está sendo explorado de forma significativa as questões que relacionam a temática gênero.

Ao falar de corpo e ludicidade começa por reconhecer a totalidade do ser humano possuidor do sentimento, do pensamento e da ação, mas, no lúdico embora descrevendo que as relações sociais que farão parte integrante do ser humano deixam de explorar as brincadeiras realizadas em conjunto, sem separação de meninas e meninos o que é dado de orientação nos PCN's:

Na Educação Física também pode acontecer de persistirem antigos estereótipos ligados ao gênero, como a separação rígida entre práticas esportivas e de lazer dirigidas a meninos e a meninas. O professor pode intervir para garantir as mesmas oportunidades de participação a ambos os sexos, ao mesmo tempo em que respeita os interesses existentes entre seus alunos e alunas. (p. 40)

Na informação da cultura corporal e saúde Paraná (2008, p.56)), nos informa que é observado o corpo e sua sexualidade e consegue ser analisado sob dois aspectos: “(...) primeiro, que a entende como fruição, prazer, alegria, encontro; Segundo, a respeito do que ela representa termos de miséria humana: prostituição infantil, dominação sexual, sexismo, violência sexual, doenças sexualmente transmissíveis, entre, outros.”

Dessa forma os PCN's, complementa que

Assim, como indicam inúmeras experiências pedagógicas, a abordagem da sexualidade no âmbito da educação precisa ser clara, para que seja tratada de forma simples e direta; ampla, para não reduzir sua complexidade; flexível, para permitir o

atendimento a conteúdos e situações diversas; e sistemática, para possibilitar aprendizagem e desenvolvimento crescentes. (p. 23)

Ao tratar o corpo e saúde, Louro (2001) nos diz que investimos constantemente em nosso corpo, para que possamos estar de acordo os padrões exigidos na sociedade, ou seja, ao grupo que pertencemos de acordo com a nossa cultura, assim estaremos dando significação ao corpo feminino e também o masculino.

O material exemplifica a cultura corporal presente no mundo do trabalho, no esporte e sua técnica e no lazer, mas, as propostas em nenhum momento identificam a relação de gênero e sexualidade, ignorando ou desconhecendo a pertinência e oportunidade em explorar a temática, na (re) construção dos novos significados. Ao ignorar e/ou desconhecer reforça que existiria uma modo adequado legítimo, padrão, como se não houvesse as questões de diferença entre homens e mulheres no convívio social.

Ignorando que os PCN's afirmam a presença dos estereótipos que a mulher deve estar predominantemente no ambiente doméstico, como o trabalho não remunerado, e que os homens estão ligados ao mundo público.

Torna-se muito importante as educadoras identificarem e explorarem tais diferenças como exemplo da diversidade que está presente em nosso cotidiano, reconhecendo que constituem a nossa realidade social e cultural. (LOURO, 1997).

O item que chama a nossa atenção é o identifica Cultura Corporal e Diversidade e de início Paraná (2008, p.61), afirma apresentar neste item uma oportunidade de interação com o outro, ao ponto de proporcionar um convívio e respeito às diferenças. Mas logo em seguida percebemos que a diferença tratada diz respeito somente ao processo de inclusão dos alunos portadores de necessidades educativas especiais, a educação do campo e a indígena.

Destaca-se a inclusão (...), condição de afirmar a pluralidade, a diferença, o aprendizado com o outro, algo que todos os alunos dever ter como experiência formativa (...). Um exemplo disso seria o desenvolvimento de atividades corporais, oferecendo aos alunos a experimentação de esportes adaptados (p. 61).

Deixa entender que o “diferente” é composto por apenas esse pequeno grupo, e que estes são as únicas dificuldades que professores e professoras vêm sofrendo no cotidiano. Então nos perguntamos se não seria pertinente ser tratada neste item a temática homossexualidade que evidencia os estereótipos de gênero?

Tome-se como exemplo a discussão do tema da homossexualidade. Muitas vezes se atribui conotação homossexual a um comportamento ou atitude que é expressão menos convencional de uma forma de ser homem ou mulher. Ela escapa aos estereótipos de gênero, tal como um menino mais delicado ou sensível ser chamado de “bicha” ou uma menina mais agressiva ser vista como lésbica, atitudes essas discriminatórias. Em cada período histórico e em cada cultura, algumas expressões do masculino e do feminino são dominantes e servem como referência ou modelo, mas há tantas maneiras de ser homem ou mulher quantas são as pessoas. Cada um tem o seu jeito próprio de viver e expressar sua sexualidade. Isso precisa ser entendido e respeitado pelos jovens. (BRASIL, 2000, p. 41)

Já que não é mais possível ignorar a intolerância, agressividade e violência que fazem parte do cotidiano escolar e é parte integrante do trato com a diversidade. Sendo necessário olhar para o masculino e feminino, que fazem as construções dos sujeitos não ignorando que

Neste sentido, trazer para discussão as relações que se estabelecem e que servem para organizar o contexto escolar é pensar em algo mais amplo. A homofobia como violência e a construção das diferenças servem para pensar os gêneros no contexto escolar, buscando problematizar as maneiras e os mecanismos de compreensão e representação das características sexuais. (FERRARI, 2010, p. 47)

Finalizando o material e especificamente os elementos articuladores que compõem a atual proposta curricular, nos é apresentado a Cultura Corporal e Mídia que afirmam um elemento propício para as discussões do momento e que dizem respeito às práticas corporais, ao consumo e os meios de comunicação e que o professor pode usar o recurso para disponibilizar informações dos esportistas famosos, do consumo de marcas recomendadas.

É ignorado o que a mídia vem mostrando atualmente, ou seja, reforçando os estereótipos de gênero e sexualidade, tendo em vista que as alunas embora não analisando, assistem cenas que vulgarizam a figura feminina na exposição do corpo, associada a uma garrafa de cerveja por exemplo.

Mesmo com um cronograma de atividades propostas, de uma tabela que dá indicativo para o professor trabalhar, ou planejar suas atividades que serão propostas no livro exemplar para o aluno, fica claro em seu conteúdo a ausência significativa da temática em pesquisa, contribuindo para a construção social de uma sociedade mais liberal e disposta a aceitar as diferenças visíveis a todo instante.



Faltando reconhecer que somos um plural nos tempos modernos e que necessitamos rever as verdades que são definidas pelo local, mas que tudo é temporário, sendo modificado a todo instante (Louro 1997).

#### **IV – LIVRO DO ALUNO DO ENSINO MÉDIO / EDUCAÇÃO FÍSICA**

O material analisado apresenta em cada tópico/tema uma explicação de conceitos e retrocessos históricos que possibilitarão a aluna e o aluno perceberem a evolução cultural das modalidades, das pessoas, dos grupos e da sociedade como um todo.

Primeiramente é apresentado o futebol e o voleibol que são direcionados como referência da cultura corporal, onde as atividades em sua maioria são indicadas a separação de meninas e meninos e em alguns momentos em turmas mistas. Mas, Paraná (2006, p. 24), afirma que “Nunca é demais lembrá-lo que o futebol deve ser praticado por toda a turma, e isso inclui todos e todas, meninos e meninas, sem distinção.”

Como o termo gênero que aqui tratamos é o processo na construção social do ser feminino e do masculino, as atividades e as imagens que o material expõe apresentam uma visão estereotipada do sujeito masculino como centro e dominante da situação. Sendo reproduzido que o homem ainda é considerado o mais forte, o mais ágil e talvez o único a ter habilidade para realizar a atual atividade, enquanto que

Nesta linha de pensamento fica entendido como natural e da sua essência que a mulher seja mãe, natural e de sua essência que seja delicada, sensível, obediente, amorosa, afetiva, etc, como se tais características estivessem na carga genética, na biologia. (CARVALHO & TORTATOO, 2009, p. 22)

As imagens que retratam as duas modalidades esportivas reforçam que o homem deve estar no comando. Mesmo nas atividades mistas o número de participantes do sexo feminino é sempre inferior. A não ser que trate de uma atividade lúdica sem grandes responsabilidades. Um exemplo registrado é em uma atividade proposta, onde cada aluno e cada aluna deveriam escolher uma personagem para cooperar com a dinâmica, mas, existia entre elas um cargo responsável “chefe”, e o mesmo só poderia ser assumido por um homem.

Quando o tema discutido é a ginástica, fica exemplificado o local predeterminado para o sexo feminino, devido representar a leveza e a desenvoltura, mas, quando está no meio um menino, apresenta-se distante ou realizando uma demonstração de alongamento.

E afirmado que existe a possibilidade da prática por qualquer pessoa em qualquer idade, mas “A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o lugar dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas.” (LOURO, 2007, p. 58)

Quando a temática apresentada é lutas que estão sendo representados pela Capoeira e o Judô, às imagens novamente inferiorizam a figura feminina, que continua submissa, acompanhando o marido e/ou filhos. No Judô, fica evidente a presença dos homens nas competições e indica “o professor” apto a ensinar.

Não podemos ignorar o processo histórico que a mulher veio representando e qual a situação que ela se insere na sociedade. Não significa que a mulher deixou de ser expectadora, mas, reconhecer que passou a ser muito além, no que diz respeito aos assuntos que envolvam a prática corporal.

É proposto um debate: “Se o Judô não é uma luta para machucar e as quedas dever ser amortecidas, porque meninos e meninas não podem estar juntos nas aulas?” (PARANÁ, 2006, p. 173.)

Surge aqui a iniciativa em despertar nas alunas e nos alunos a diferenciação do sexo, a herança que carregamos e a possibilidade de discussão da construção social e da representação do ser homem e de ser mulher na atual sociedade.

O uso do corpo, e principalmente do movimento, por meio de suas possibilidades comunicativas, é de interesse comum, pois todos nós fazemos parte de um ambiente social determinado e ao mesmo tempo determinante da cultura. Assim, o corpo não deve ser visto somente pelo lado biológico, sua constituição, fisiologia e funcionamento geral, ele deve ser compreendido como um todo, constituído inclusive pela sua relação com o ambiente social e cultural. (PARANÁ, 2006, p.214)

Observando a explanação do conteúdo dança e música, não é ignorada a organização em sociedade que nos faz diferenciar do outro. Neste sentido, trazemos uma bagagem histórica que é (re) construída com o passar do tempo, Paraná (2006, p. 194), afirma ser “(...) uma construção que efetiva nas relações sociais, históricas e culturais, que as mantêm umas com as outras.” Processo que é representado pelas significações, intenções, emoções, técnica e espontaneidade que a dança proporciona. Sua significação focaliza o corpo que está ligado ao sexo, mas que no presente documento reconhecemos como a sexualidade, definida por (Ferreira & Luz, 2009), como expressão no ato de pensar, nas fantasias, os desejos, as crenças e valores, os papéis de representação e os relacionamentos. É algo impossível de distanciar dos

aspectos sociais, políticos, cultural e também econômico, e muito menos com a transformação do corpo através da idade.

Em vários momentos o documento carrega imagens estereotipadas, predeterminando que a presença da mulher é a mais adequada e também até de modo que vulgarizam e expõe o corpo feminino e o homem fica na platéia ou no centro da atenção, admirando o corpo de quem está a representar.

As imagens reforçam já no final do item discutido a dominação masculina, no exemplo do Hip Hop e atividades artísticas como o Graffite.

Foi observado um único momento em que o material demonstra dar um salto grande no que buscamos identificar por gênero e sexualidade no currículo em pesquisa. Trata-se do item que explora a Construção Cultural do Corpo que reforçando a evolução da humanidade, inclui, até o processo de negação nas demonstrações de desejos. Afirmando ser ele a firmação na sociedade e objeto de transformações do processo e não podendo ser visto de forma isolada e que a cultura presente é fator que se faz necessário. (PARANÁ, 2006)

Compartilhando das informações que retratam a cultura corporal (Louro, 1997, p.28), reforça que “Pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura é simultaneamente, um desejo e uma necessidade. (...) O corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções de cada cultura, bem como suas leis, seus castigos morais, as representações (...)”. (p. 28)

O nosso corpo conta e representa história, passando de geração e (re) construindo os novos conceitos que virão a ser necessários. De um lado o corpo representa o físico, nos órgãos em funcionamento, na perfeição e beleza; Mas observando o outro lado o mesmo corpo representa sentimentos, sensualidade e comportamentos. Somos responsáveis pelas nossas opções e pela maneira que damos rumo ao nosso corpo. (LOURO, 1997)

Paraná (2006) descreve a exploração que o corpo é submetido como ferramenta “homem máquina”, e que a mídia, contribui de forma assustadora voltando-se o interesse para o conjunto de órgão, que sentem a necessidade do consumo. Mas voltando a repensar o corpo pela cultura é pertinente observar que o ele é único e também plural, produz a própria história e a história do outro, é a nossa própria identidade.

## **V – CONCLUSÃO**

Diante da temática exposta, chegamos à conclusão que a Secretaria Estadual do Estado do Paraná, possui um rico material de apoio para as professoras que atuam com a disciplina Educação Física, não só em seu estado, mas deixando disponível na mídia, um recurso que possibilita orientar a quem interessar.

Reconhecemos que as alunas e os alunos são beneficiados pela material disponibilizado, podendo usufruir e compreender o processo histórico da disciplina e as mudanças que vem sendo percebida, como parte do processo evolutivo.

No entanto ao analisar as Diretrizes de Gênero e Diversidade, constatamos que na temática atualizada e recente, surge a preocupação da Secretaria na busca de promoção da equidade e eliminação das variadas formas de preconceito e discriminação, fator que atinge a todas as escolas brasileiras, diferenciando apenas o contexto e a região cultural. Mas tendo em vista que o material das professoras e o livro das alunas continuam sendo a cada ano disponibilizado como recurso pedagógico, acaba por contribuir com as situações, falas e comportamentos estereotipados, devido às imagens, conteúdo e atividades propostas não estarem de acordo com a temática que valoriza as questões de gênero e sexualidade. Necessitando fazer uma reformulação do material, para continua (re) construindo e explorando as significações que o material atual apresenta.

No interesse em analisar o material que é disponibilizado para os alunos e alunas, não significa dizer que estamos negando a importância do material e nem desconsiderando a qualidade do mesmo, mas, pensar na proposta do ensino da Educação Física, que carrega como referência a cultura corporal é necessário que estejamos alertas na proposta em manter uma olhar crítico, propor questionamentos e discussões, evitando que a escola dê continuidade com as representações estereotipadas em simples atividades e/ou as informações interditas nas imagens que disponibilizamos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- CARVALHO, M. G. de & TORTATO, C. S. B. Gênero: Considerações sobre o conceito. In: Construindo a igualdade na diversidade: Gênero e sexualidade na escola/orgs. Curitiba: UTFPR, 2009.

CÉNDAR, Maria Rita de Assis. In: PARANÁ- Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual. Secretária de Estado da Educação do Paraná – Versão preliminar. 2010.

FERRARI, Anderson. In: PARANÁ- Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual. Secretária de Estado da Educação do Paraná – Versão preliminar. 2010.

FERREIRA, B. M. M. L. & LUZ, N. S. da. Sexualidade e gênero na escola . In: Construindo a igualdade na diversidade: Gênero e sexualidade na escola/orgs. Curitiba: UTFPR, 2009.

LOURO, G. L., NECKEL, J. F. & GOELLNER, S. V. (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2003, pp. 41-53.

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do gênero. In: *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997, 14-36

\_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In: *O Corpo educado - Pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, pp. 04-34.

\_\_\_\_\_. A construção escolar da diferença. In: *Gênero, Sexualidade e Educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MAIO, Eliane Rose. In: PARANÁ- Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual. Secretária de Estado da Educação do Paraná – Versão preliminar. 2010.

PARANÁ. Diretrizes Curriculares Da Educação Básica – Educação Física. Secretária de Estado da Educação do Paraná, 2008.

\_\_\_\_\_. Ed. Física/vários autores. Livro do aluno. Curitiba: SEED-PR, 2006, 248p.

\_\_\_\_\_. As Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED-PR, 2010.

SANTOS, D. B. Carlin dos. et al. In: PARANÁ - Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual. Secretária de Estado da Educação do Paraná – Versão preliminar. 2010.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

SILVEIRA, Viviane Teixeira. In: PARANÁ - Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual. Secretária de Estado da Educação do Paraná – Versão preliminar. 2010.